



## A edição de documentos históricos do acervo da Biblioteca Nacional<sup>1</sup>

Rosane Maria Nunes ANDRADE<sup>2</sup>

Fundação Biblioteca Nacional

### Resumo

A avaliação da riqueza bibliográfica do acervo da Real Biblioteca, atual Biblioteca Nacional, pode ser aferida a partir da apreciação dos documentos arrolados nas grandes coleções adquiridas e inventariados ao longo de sua existência como instituição cultural. Assim, a proposta desse trabalho é apresentar a *Série Documentos Históricos* editada na gestão de Mario Behring, 1924 a 1932, tendo como suporte manuscritos ligados a administração régia: correspondências públicas, alvarás, patentes, ordens régias, relatórios oficiais e outros.

**Palavras-chave:** Produção Editorial; Biblioteca Nacional; *Série Documentos Históricos*

Trabalho sem precedentes no país e dedicado à publicação de nossas riquezas literárias, que até agora viveram sepultadas no esquecimento e ignoradas, já se não diz do mundo d'almém mar, mas ainda dos próprios nacionais. Ramiz Galvão

A epígrafe acima sintetiza uma etapa na história da Biblioteca Nacional (BN). A idéia de uma biblioteca voltada somente para conservação dos documentos ou "cemitério" do saber não condiz com os novos ideais implementados pelos dirigentes da BN. A contratação de funcionários altamente qualificados para inventariar os

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP Produção Editorial /Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Bibliotecária da Fundação Biblioteca Nacional.  
E-mail: [rosanenandrade@gmail.com](mailto:rosanenandrade@gmail.com)



documentos e a aquisição de novas coleções enriquecendo o acervo oriundo da Real Biblioteca da Ajuda, em Portugal, comprovam tal afirmação.

A transferência da Família Real para o Brasil, em 1808, após investidas das tropas napoleônicas, contribuiu para que o novo império lusitano fosse presenteado com uma biblioteca composta de registros raros, notáveis pela sua quantidade e amplitude dos assuntos que abrangiam. A comitiva real trouxe papéis dos reis, livros, estampas, incunábulos, mapas, documentos iconográficos e outros. Chegava o Iluminismo a colônia. Veio a Ciência, a Filosofia, a História Natural.

O conjunto bibliográfico e documental trazido pelo Regente, representava a Real Biblioteca, destruída pelo terremoto, em 1755, que abalou a cidade de Lisboa, causando enormes perdas materiais.

Entre os anos de 1770 e 1773, ainda em Portugal, o acervo adquiriu proporções grandiosas. Foram contratados livreiros estrangeiros, agentes diplomáticos, acadêmicos de renome. D. José I, auxiliado pelo ministro Marquês de Pombal, esforçou-se em reorganizar o que tinha restado, através da compra de acervos privados, de doações e de coleções esquecidas em mosteiros e abandonadas às pressas pelos jesuítas.

A grande coleção adquirida foi a do abade Diogo Barbosa Machado, que reuniu obras impressas, manuscritos, mapas, estampas, retratos. As obras abarcavam a história sagrada e profana, as biografias de homens e mulheres ilustres, genealogia, brasões, dicionários e outras. A coleção apresentava os livros com o ex-libris de seu proprietário e uma relação catalográfica cuidadosamente elaborada.

Já instalada no Rio de Janeiro, no Hospital da Ordem Terceira do Carmo, na rua Direita, hoje rua Primeiro de Março, a Real Biblioteca foi sendo organizada. A formação do acervo ficou a cargo de quatro estudiosos: os freis franciscanos Gregório José Viegas (bibliotecário) e Antônio de Arrábida, padre Joaquim Dâmaso (bibliotecário) e Luis Joaquim dos Santos Marrocos<sup>3</sup>. Várias coleções foram incorporadas ao acervo da Biblioteca Nacional durante as gestões de seus dirigentes. Podemos mencionar pelo seu valor histórico as seguintes preciosidades:

- o espólio de Frei Mariano da Conceição Veloso, incluindo manuscritos e a sua grandiosa *Flora Fluminense*; doada pelo botânico ao príncipe regente em 1811.

---

<sup>3</sup> O volume 56 dos Anais da BN, traz a transcrição das cartas de Marrocos (1811 a 1821) ao seu pai comentando sobre a vida e costumes do Rio de Janeiro Imperial. Valiosa fonte de referência para os estudiosos do período.



- *Coleção Conde da Barca ou Coleção Araujense*, adquirida em leilão em 1819, constituída de 2.365 obras em 6.329 volumes. Pertence a essa coleção o conjunto de estampas *Le Grand Theatre de Univers* reunido em 125 grandes volumes.
- *Coleção de Angelis*, adquirida em 1853 é do maior interesse para a história da Província Jesuítica e das questões de limites na região do Prata.
- *Coleção Salvador de Mendonça*, doada em 1884, destaca-se pelo material acerca do Domínio Holandês no Brasil.
- *Arquivo da Casa dos Contos*, proveniente da antiga Casa dos Contos de Ouro Preto, contendo documentos raros da administração de Minas Gerais dos séculos XVIII e XIX.
- *Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira*, registrando a viagem que o naturalista empreendeu entre 1783 e 1792, pelas capitânicas do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Guibá.
- *Coleção Teresa Cristina Maria*, doada em 1891 pelo ex-Imperador D. Pedro II com o desejo expresso que fosse dado o nome da Imperatriz. É formada por fascículos de varias revistas literárias e científicas, estampas, fotografias, partituras musicais, mapas geográficos e manuscritos. Foi a maior doação recebida pela Instituição.

Nesse período havia por parte da administração da BN um interesse maior pelo crescimento do acervo do que pela sua organização técnica. Não existia uma classificação, mesmo que primária, das peças e a ausência de um catálogo referenciando os documentos do acervo.

A esse respeito, relata Ramiz Galvão:

Pouco fizeram em verdade a bem da Instituição, limitando-se as mais das vezes ao ordinário expediente a mandar copiar alguns velhos catálogos ou a fazer novos índices incompletos, sumários incorretíssimos. (*Anais da Biblioteca Nacional*, 1884-1885, p.121)

Os primeiros passos na organização técnica do acervo começou com o Frei Camillo de Monserrat<sup>4</sup>, que dirigiu a Biblioteca Nacional de 1853 a 1870, completando dezessete anos no cargo.

Para o Frei Camillo era preciso redigir um inventário descritivo da Biblioteca, reunir os clássicos antigos, que não se achavam distribuídos conforme o uso que eram

---

<sup>4</sup> Jorge Estanilas Xavier Camille Cleáre, Frei Camillo de Monserrat, nasceu na França em 1818. Dois anos após sua chegada ao Rio de Janeiro tornou-se monge beneditino. Faleceu, ainda diretor da Biblioteca Nacional, aos 52 anos, no RJ.



destinadas as coleções, prover a Biblioteca de um catálogo sistemático. Frei Camillo afirma:

É esse o primeiro dever do officio, nem se pode conceber bibliotheca sem essa fonte de luz e sem esse fio conductor, que o público estudiosos reclamam com razão. Maus catálogos fazem de uma riquíssima colleção de livros um thesouro imprestável; bons duplicam o valor de uma bibliotheca às vezes medíocre. (*Anais da Biblioteca Nacional*, 1884-1885, p.121)

Porém, o projeto tão idealizado por Frei Camillo, não foi adiante devido à falta de verbas governamentais e pessoal técnico qualificado. Ainda Frei Camillo:

Salvo poucas exceções, eram todas destituídas de habilitações clássicas, e algumas dèllas verdadeiros illiteratos, que só por ironia se achavam empregados em tractar dos livros... e nem havia hypothese de fazer aquisições de homens mais habilitados, porque os ordenados eram ridículos. (*Anais da Biblioteca Nacional*, 1884-1885, p.122)

Com a morte de Frei Camillo, foi nomeado ao cargo, o bibliotecário Benjamin Franklin Ramiz Galvão<sup>5</sup>, em 22 de outubro de 1870. Logo no início de sua gestão, foi liberado pelo governo a multiplicação de verbas, sendo possível acrescer novas coleções ao acervo e contratar funcionários altamente qualificados: Valle Cabral, Saldanha da Gama, Raul Pompéia, Capistrano de Abreu<sup>6</sup> e outros.

A frente da direção da Instituição, Ramiz Galvão procurou transformar a Biblioteca num centro de referência de pesquisa e estudo, atraindo os vários letrados importantes no cenário literário da época. Representou um marco na produção bibliográfica da Instituição.

Foi implementada a organização bibliográfica dos catálogos, de modo a espelhar com mais detalhes o acervo e servir de instrumento a ser utilizado pelos estudiosos da época. Segundo ele:

---

<sup>5</sup> Nasceu em 16 de junho de 1846, no município de Rio Pardo, hoje, município Ramiz Galvão e faleceu no Rio de Janeiro em 8 de março de 1938. Historiador, educador e médico, dirigiu a Biblioteca Nacional no período de 1870 a 1882, sendo o precursor da pesquisa bibliográfica. As pesquisas desenvolvidas em sua gestão, encontram-se publicadas nos Anais do v.1/1875 ao v.9(2)/1881. Deixou a direção da Biblioteca Nacional, em 1882, por ter sido designado por D. Pedro II, instrutor da educação intelectual dos filhos da Princesa Isabel. Por decreto do governo imperial de 18 de junho de 1888, recebeu o título de Barão de Ramiz. Foi sócio do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, membro da *Academia Brasileira de Letras*, oficial da Instrução Pública da França, onde estudou administração e organização de bibliotecas, diretor da Instrução Pública do Rio de Janeiro, primeiro reitor da *Universidade do Brasil*.

Dados retirados de MAURICÉA FILHO, Alfredo. Ramiz Galvão: o Barão de Ramiz; ensaio biográfico e crítico. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.

<sup>6</sup> Ramiz Galvão realizou o primeiro concurso público para o cargo de bibliotecário, no qual se destacou o historiador Capistrano de Abreu.

A síntese histórica assenta essencialmente sôbre a consulta e análise dos documentos fidedignos e estes vêm todos os dias surgindo à luz de pesquisas longas e pacientes”. (RAMIZ apud MAURICÉA FILHO, 1972, p. 119).

Ramiz Galvão deu início a publicação dos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, sendo editado o primeiro volume, em 1876 (figura 1). A folha de rosto trazia uma citação de Richard Bury no *Philobiblion*, cap. XVI: “Litterarum seu librorum negotium concludimus hominis esse vitam”<sup>7</sup>. Nos Anais estariam contidos:

Os nossos inéditos mais preciosos, livros raros e altamente estimáveis que povôam as nossas estantes; peças mais curiosas que compõem nosso gabinete de estampas; trabalhos biobibliographicos sôbre os mais celebres escriptores e amadores nacionaes (...). Um livro apreciado do bibliophilo e do litterato, do amator e do sábio. (*Anais da Bibliotheca Nacional*, 1876, p. VII).<sup>8</sup>

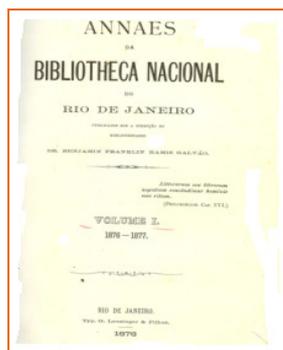


Figura 1 - *Annaes da Bibliotheca Nacional*, v.1/1876-1877

Outra publicação de destaque foi o *Catálogo da Exposição de História do Brasil* publicado em 1881. O intuito do diretor era recolher nas diversas cidades do país informações sobre documentos que pudessem enriquecer o acervo da Biblioteca sobre a história do Brasil. Para isso, foi enviado um questionário a várias Câmaras Municipais, solicitando-se o arrolamento de documentos encontrados sobre o assunto e que

<sup>7</sup> Tradução da citação: “Concluimos que as letras e os livros são a seiva da vida”.

<sup>8</sup> Atualmente, os Anais são editados uma vez ao ano e publicam trabalhos referentes ao acervo da Biblioteca Nacional, transcrevem documentos, divulgam textos de conferências realizadas na BN e apresentam o relatório das atividades desenvolvidas pelos dirigentes da Instituição. A apresentação gráfica dos Anais tem sofrido mudanças ao longo de sua existência, variando as cores da capa, inclusão do emblema da BN e outras.



pudessem ser enviados à Biblioteca<sup>9</sup>. Em seu prefácio, Ramiz Galvão considerava o catálogo:

Um esboço da bibliographia histórica brasileira”, e não apenas um indicador de livros, painéis, estampas ou medalhas: “A Exposição é um facto na história litteraria do paiz, e o seu catalogo vê hoje a luz da publicidade, para dar aos coevos e vindouros idéa dos nossos trabalhos e do manancial que pudemos reunir. (*Anais da Biblioteca Nacional*, 1881, p.5)

Além disso, publicou o *Catálogo de Exposição Camoniana*, por ocasião do tricentenário da morte de Camões, *Catálogo da Coleção Diogo Barbosa Machado*, *Catálogo de Manuscritos Relativos ao Brazil*.

A dedicação de Ramiz Galvão na elaboração de catálogos e sua grande competência nos serviços prestados foram motivos de elogios por parte de vários escritores. Conforme citação feita por Edson Fonseca (1957, p. 7), “a bibliografia brasileira propriamente dita nasceu na Biblioteca Nacional com Benjamin Franklim Ramiz Galvão”.

A *Academia Brasileira de Letras*, em 1938, com a morte de Ramiz Galvão, homenageou-o nos discursos proferidos pelos acadêmicos:

Deixastes na casa dos livros a impressão profunda das pesquisas feitas, dos originais descobertos, dos trabalhos organizados, dos catálogos magistrais, que há decênios servem de roteiro a todos os estudiosos. (O adeus da Academia. Barbosa Lima Sobrinho. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, 1938. p. 68).

Em substituição ao nome de José de Alexandre Teixeira de Melo, que ocupou a direção nos anos de 1895 a 1900, foi empossado no dia 13 de julho de 1900, como diretor da Biblioteca Nacional, Manuel Cícero Peregrino da Silva<sup>10</sup> vindo da Faculdade de Direito do Recife, onde atuara como bibliotecário e grande administrador do serviço público, durante 10 anos. Sua gestão foi a mais longa na história da Biblioteca, cargo que exerceu de 1900 a 1924, com intervalos.

Sua capacidade administrativa pode ser aferida nos vários cargos assumidos: exerceu o cargo de Inspetor de Ensino, sócio do *Instituto Histórico e Geográfico*

---

<sup>9</sup> Apesar do grande interesse de Ramiz Galvão pelo retorno das correspondências, a ação não obteve bons resultados. Poucas instituições retornaram com as respostas. Essa mesma tarefa foi realizada por Manuel Cícero, diretor da BN, com melhores resultados.

<sup>10</sup> Manuel Cícero Peregrino da Silva nasceu em 1866 na cidade de Recife e faleceu no Rio de Janeiro no ano de 1956.



*Brasileiro* (IHGB), participou da elaboração do regulamento da *Academia de Altos Estudos* fundada no Rio de Janeiro, em 1915, pelo IHGB, Diretor Geral da *Instrução Pública Municipal*, Diretor Geral de Propriedade Industrial, Reitor da *Universidade do Rio de Janeiro*, atualmente *Universidade Federal do Rio de Janeiro*.

Como diretor da BN implementou várias ações: participou da construção do novo prédio da Biblioteca Nacional, na Avenida Central, atual Rio Branco<sup>11</sup>; inaugurou uma Oficina de Encadernação e Tipográfica; promoveu conferências (palestras que pontuavam aspectos da história brasileira); criou o *ex-libris* marca de propriedade da Biblioteca Nacional que devia constar nos livros e documentos expedidos pela Biblioteca; desenvolveu as permutas internacionais; adotou parcerias com instituições brasileiras como veículo de divulgação do acervo; criou o primeiro curso de biblioteconomia no país<sup>12</sup>.

Além disso, implementou serviços biblioteconômicos: utilização da Classificação Decimal Universal (CDU), catalogação cooperativa, catálogo coletivo das bibliotecas.

Ao assumir a direção da Biblioteca Nacional, Manuel Cícero sugeriu junto ao Poder Legislativo um ato especial relativo as publicações editadas no país. Assim foi promulgado o decreto n.1825 de 20 de dezembro de 1907<sup>13</sup> que dispõe sobre a remessa de obras impressas a Biblioteca Nacional, tornando obrigatório a publicação de um *Boletim Bibliográfico*<sup>14</sup> (figura 2) por parte da BN tendo como principal objetivo “registrar as aquisições effectuadas em virtude desta lei... o boletim publicará regularmente todas as obras que houverem sido recebidas por contribuição legal”. (artigo quinto)

---

<sup>11</sup>O prédio foi inaugurado no dia 29 de outubro de 1910, data em que a Biblioteca completava cem anos de existência na cidade do Rio de Janeiro e que marcava uma nova etapa na vida institucional da Biblioteca. A intenção era democratizar seu espaço como instituição aberta à nova comunidade de leitores que surgia na cidade, buscando atender aos interesses da República que se queria “moderna” e para tanto, precisava de uma “nova” biblioteca composta de novos serviços e projetos.

<sup>12</sup> A criação do curso visava especializar os profissionais da Instituição e outorgá-los o título de bibliotecários. Foi o primeiro curso da América Latina e o terceiro no mundo. Em 1944, na gestão de Rodolfo Garcia, o curso foi reformulado e, no ano de 1960, reconhecido como formação em nível superior. Atualmente, é mantido pela *Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro* (UNIRIO).

<sup>13</sup> Como instituição responsável pela preservação dos documentos, a Biblioteca Nacional é a única beneficiária da Lei do Depósito Legal, que dispõe sobre a remessa de obras à instituição. Por meio desse amparo legal, a exerce seu papel de “guardiã da memória gráfica nacional”. Essa lei é a ferramenta da instituição em sua luta para preservar e divulgar o patrimônio bibliográfico e hemerográfico do país.

<sup>14</sup> Antes dessa disposição legal, em 1888, sob a direção de João Saldanha da Gama foi editado o *Boletim das Aquisições mais importantes feitas pela Bibliotheca Nacional*.

A primeira edição do *Boletim Bibliográfico* acabou sendo realizada no ano de 1918, sob a administração do Diretor-Geral Interino Basílio de Magalhães. Após concluído sua impressão seria enviada uma cópia ao *Instituto Internacional de Bibliografia de Bruxelas*, instituição responsável internacionalmente pelos serviços técnicos biblioteconômicos.

O *Boletim Bibliográfico* foi editado até o ano de 1982, mudando para o nome de *Bibliografia Brasileira* (figura 3), em 1983. Com essa denominação teve seu término em 1994.

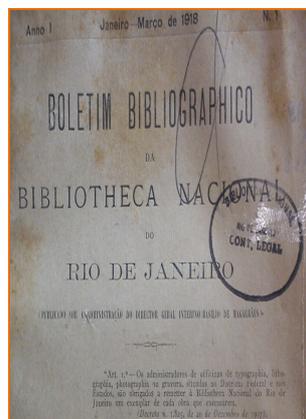


Figura 2 – *Boletim Bibliográfico da Bibliotheca Nacional*, v.1, 1918.

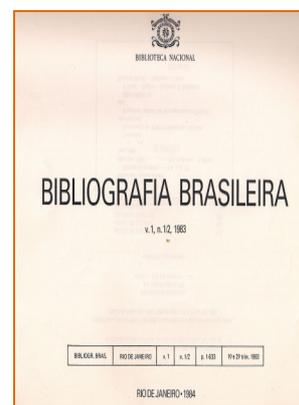


Figura 3 – *Bibliografia Brasileira*/ Bibliotheca Nacional, v.1, n.1/2, 1983.

Para Edson Nery (1957, p. 98), “Manuel Cícero foi um autêntico precursor brasileiro da Documentação, um homem com a visão profética de Paul Otlet e Henri La Fontaine<sup>15</sup>”. Esse boletim era um instrumento importante para a execução da função primordial da Biblioteca Nacional, a preservação do patrimônio bibliográfico brasileiro:

Semelhante providencia legislativa, adoptada em quase todos os paizes, trará ainda a vantagem de habilitar a Bibliotheca a publicar um boletim bibliographico que registre o apparecimento de todas as publicações nacionaes e a organizar assim a estatística da produção litteraria do paiz. (*Anais da Bibliotheca Nacional*, 1905, p. 418)

<sup>15</sup> Paul Otlet e Henri La Fontaine, em fins do século XIX, foram responsáveis pela organização de um movimento internacional de documentação.

Com a saída de Manuel Cícero da direção da Biblioteca Nacional, em 1924, assume o cargo Mario Marinho de Carvalho Behring<sup>16</sup>, que administrou a BN no período de 1924 a 1932. Deu início à publicação a *Série Documentos Históricos* que começou a ser editada pelo *Arquivo Nacional*, no ano de 1928. A responsabilidade pela sua edição foi até o segundo volume (figura 4).

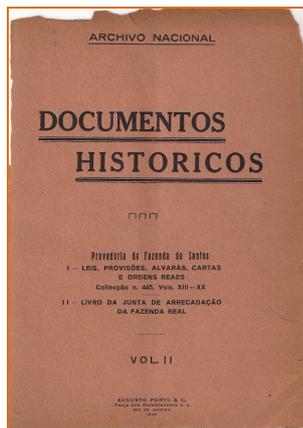


Figura 4 – Capa da *Série Documentos Históricos*,v.II Arquivo Nacional/Setor de Manuscritos.

Nos oito anos da gestão de Mario Behring foram publicados dezenove volumes da série. Para o diretor, com esta série:

Começam a ser publicados os mais antigos manuscritos que neste estabelecimento existem...constantes de volumosos códices que raríssimas pessoas tem até aqui consultado.(BEHRING, 1929, p.3)

Na gestão seguinte, de Rodolfo Garcia<sup>17</sup>, a publicação da série atingiu setenta volumes. Vários deles dedicados a documentos raros até então inéditos para os historiadores<sup>18</sup>.

Dirigida por José Honório Rodrigues<sup>19</sup>, funcionário da Divisão de Obras Raras e Publicações da BN, foi publicada entre os anos de 1928 a 1955, composta de 110

<sup>16</sup> Engenheiro e jornalista, nasceu no dia 27 de Janeiro de 1876, na cidade de Ponte Nova (MG), vindo a falecer no dia 14 de Junho de 1933, no Rio de Janeiro. Ocupou altas posições na maçonaria. Colaborou com as revistas *Kosmos*, *Careta*, *Cinearte*, *Fon-Fon* e outros periódicos.

<sup>17</sup> Rodolfo Garcia nasceu no Ceará em 1873, falecendo na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1949. Historiador, jornalista, professor. Foi diretor do *Museu Histórico*, membro do *Instituto Histórico e Geográfico*, da *Academia Brasileira de Letras*.

<sup>18</sup> Além da série, foram editados diversos volumes referentes aos *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* e os *Anais da Biblioteca Nacional*, que há doze anos não eram publicados.

volumes. Devesse ao funcionário, a preparação e os estudos de diversos volumes da coleção. Sofreu uma interrupção de 42 anos em sua periodicidade, sendo feita uma nova e única edição (v.101) no ano de 1997. Teve como editores as mais representativas gráficas da época: *Braggio & Reis*, *Typ. Monroe*, *Typ. Grafica Tupy Ltda*, *Gráfica Ouvidor S.A*, *Typ. Baptista de Souza* e outras.

A *Série Documentos Históricos* (figura 5) possui uma encadernação em brochura, na cor vermelha escura. Apresenta a dimensão 23cm x 16cm, totalizando em média 300 páginas nos volumes. É dividida em capítulos conforme os assuntos arrolados, possibilitando definir a origem histórica e a diversidade de cada documento. Geralmente, nas partes introdutórias dos volumes apresenta um pequeno texto, de cunho informativo, onde é feita a descrição dos documentos e sua importância na historiografia.

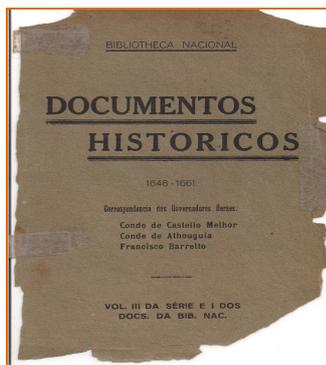


Figura 5 – Capa da *Série Documentos Históricos*, v.III Fundação Biblioteca Nacional/Setor de Manuscritos.

Teve como finalidade prover aos estudiosos da época, a pesquisa e consulta de manuscritos que descreviam a história administrativa de Portugal e Brasil. É formada de documentos oficiais (leis, mandatos, regimentos correspondências de governadores gerais, tombos de terras e etc.) referentes aos séculos XVI, XVII e XVII.

Coube a Manoel Alves de Souza, paleógrafo, durante anos, a tarefa da cópia dos velhos códices da Seção de Manuscritos. De modo que a transcrição dos documentos antigos tivesse “ao alcance de todos os leitores”, resolveram os responsáveis adotar critérios que viabilizassem a leitura. A esse propósito, foram editadas pelas instituições afins: norma, conselhos e recomendações. No volume 85, José Honório informa que o

<sup>19</sup> Professor, historiador e ensaísta brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1913, um dos mais importantes historiadores brasileiros do século XX e considerado o introdutor da historiografia crítica no Brasil. Trabalhou como ajudante técnico do *Instituto Nacional do Livro* (1939-1944) período em que foi contemplado com uma bolsa de pesquisa da *Fundação Rockefeller*, morou nos Estados Unidos (1943-1944), freqüentando cursos na *Universidade de Colúmbia* e desenvolvendo pesquisas em história. Voltando definitivamente ao Rio de Janeiro, assumiu a direção da Divisão de Obras Raras e Publicações da Biblioteca Nacional (1945-1958), sendo diretor interino da Biblioteca em várias ocasiões. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1987, aos 73 anos.

modelo adotado eram *as Normas de Transcripción y Edición de Textos y Documentos* (Madri, 1940) e *do Comitê Histórico Anglo-Americano* (1923).

Com a adoção desses modelos, buscava-se manter a autenticidade na transcrição dos documentos, seja no desdobramento das abreviaturas, nos sistemas ortográficos (pontuações), fonéticos e morfológicos.

Sua importância como fonte de pesquisa pode ser aferida nos volumes de 87 a 100 onde se encontram consultas realizadas por dirigentes e moradores da Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco e outras capitanias, ao *Conselho Ultramarino* (figura 6).<sup>20</sup>

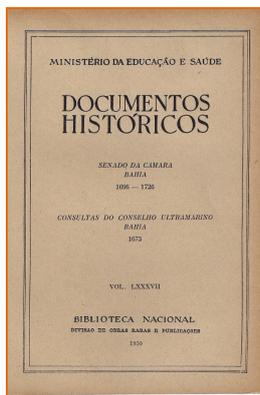


Figura 6 – Consultas ao *Conselho Ultramarino*, Bahia, 1673. *Série Documentos Históricos* v.LXXXVII. Fundação Biblioteca Nacional/Setor de Manuscritos.

Os volumes de 101 a 109 trazem a documentação existentes na BN sobre a Revolução de 1817 (figura 7)<sup>21</sup> e a Devassa de 1801 em Pernambuco<sup>22</sup>.

<sup>20</sup> Organismo criado em 1642, presidido pelo Marquês de Montalvão, reuniu documentações referentes às instituições da administração central de Portugal. Acompanhou toda a expansão portuguesa no mundo: da venda de escravos ao passaporte de padres, da cobrança de impostos ao combate as invasões. Tornou-se extinto em, 30 de agosto de 1833.

<sup>21</sup> Conhecida também como *Revolução dos Padres*, ocorreu na Província de Pernambuco (6/3/1817) tendo como causas: a crise econômica regional, o absolutismo monárquico português, as idéias iluministas e outras.

<sup>22</sup> Chamada *Conjuração dos Suassunas* foi um projeto de revolta que se registrou em Olinda. Foi fundado o *Areópago de Itambé* (1798) onde as pessoas se reuniam para discutir sobre o domínio português no Brasil e a emancipação de Pernambuco. A 21 de maio de 1801, os planos dos conjurados foi delatado às autoridades, ocorrendo o processo de devassa. O *Areópago* foi fechado em 1802, reabrindo mais tarde sob o nome de *Academia dos Suassunas*.

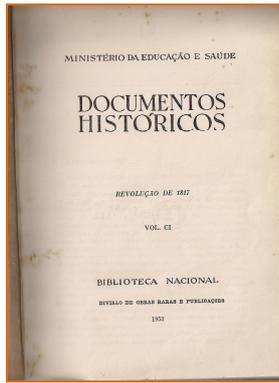


Figura 7 – Revolução de 1817. *Série Documentos Históricos*, v.CI. Fundação Biblioteca Nacional/Setor de Manuscritos.

Na visão de José Honório, o inventariado dos documentos realizados pelo corpo técnico da BN, presta um serviço de inestimável valor à investigação científica. Em suas palavras,

É uma tradição desta casa, desde os seus primeiros anos, incentivar, na medida de suas forças e recursos, o preparo e publicação de catálogos e inventários de seus fundos bibliográficos, para o devido conhecimento e a fácil consulta dos eruditos nacionais e estrangeiros. (RODRIGUES, Manuscritos/BN, 65,1,005.n.50)

Convém ressaltar, que nesse período, a historiografia mundial e em pequenas escalas a nacional, sofriram transformações no campo teórico, com as influências do materialismo histórico que passava a redirecionar novos métodos e técnicas de investigação nas fontes documentais.

A criação na França da *Revista Annales* (1929) veio dá impulso a um profundo movimento de transformação no campo da História. Os historiadores defendiam uma nova concepção em que o econômico e social ocupavam lugar privilegiado.

Com uma visão mais interpretativa, buscava-se romper com uma ideia restrita sobre as fontes documentais.

Além disso, o Brasil era palco de grandes mudanças. Os centros urbanos, sobretudo o Rio de Janeiro e São Paulo, conhecem nessa época uma efervescência cultural e política. Os intelectuais da época modernizavam o estudo sobre o país, problematizando as questões culturais, sociais, econômicas e ideológicas brasileiras. Surgem as grandes obras que vão fazer emergir essas reflexões: *Evolução do povo brasileiro* (Oliveira Viana), *Retrato do Brasil* (Paulo Prado) e outros.



A *Série Documentos Históricos* surge assim como contribuição ao desenvolvimento da pesquisa investigativa, proporcionando aos estudiosos acesso as fontes documentais para realização de seus estudos e publicações de suas obras. Desse modo, a BN assume sua missão como lugar de preservação e organização de arquivos e coleções (geralmente compostos de documentos originais, as “fontes primárias”).

Para retomada da série como uma das principais publicações da BN, faz-se necessário a criação de um Conselho Editorial formado por especialistas (paleógrafos, historiadores, cientistas sociais, etc.) que tenham como finalidade a escolha de conjuntos documentais diversos reunidos sob o critério de valor histórico e informativo e que correspondam aos reais interesses dos pesquisadores, garantindo sua qualidade e periodicidade.

Segundo José Rodrigues (1949, p.5),

A organização de um plano de publicações de documentos históricos depende, da catalogação e do conhecimento do acervo. Este seria o único caminho certo em relação à escolha dos textos.

Sua continuidade propiciará o estudo e a pesquisa de documentos, que muitas vezes, estão “conservados” e não inventariados nos armários e gavetas da Instituição.

Se, no passado, faltou apoio governamental e autonomia administrativa para a Biblioteca Nacional cumprir suas principais metas: preservar, guardar e divulgar o acervo, acredita-se que os “novos tempos” tragam a resolução de vários problemas que atingem a BN e possam garantir a retomada de ações importantes como suporte as pesquisas brasileiras.

### **Referências:**

- Livros e periódicos:

BARROS, Maria Antonieta de Mesquita. **Boletim Bibliográfico**, Rio de Janeiro, n.5, p.1-3, jan/jun. 1955.

CARVALHO, Gilberto Vilar de. **Biografia da Biblioteca Nacional: 1807 a 1990**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1994.

CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da. Subsídios para história da Biblioteca Nacional. In: **Anais da Biblioteca Nacional**, v. 101, Rio de Janeiro, 1981.



FONSECA, Edson Nery da. Desenvolvimento da biblioteconomia e da bibliografia no Brasil. **Revista do Livro**, Rio de Janeiro, n.5, p.95-124, mar. 1957.

\_\_\_\_\_. O acervo da Biblioteca Nacional. In: **Brasil 1900-1910**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1980. p. 143-169.

MAURICÉA FILHO, Alfredo. **Ramiz Galvão**: o Barão de Ramiz; ensaio biográfico e crítico. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A longa viagem da biblioteca dos reis**: do terremoto de Lisboa até Independência do Brasil. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.

- Manuscritos e Coleções:

**Revista da Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro: ABL, v.55, 1938.

**Anais da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, v.1, 1876-1877; v.35, 1913; v. 23-40, 1901-1918; v.12, 1884-1885; v.19, 1889.

\_\_\_\_\_. **Documentos Históricos**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, v.85, 1949.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_.v.51, 1929.

**SUMÁRIO** dos Documentos Históricos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Manuscritos loc.26,4,151